

DISCURSO

A filósofa Márcia Tiburi tem uma descrição perfeita para algo que é comum aqui na Vila Franca do Imperador, mas deve ser também em outras aldeias desse mundo véio sem porteira: “Todos conhecem a popular figura do puxa-saco. A adular pessoas famosas, poderosas ou ricas, a bajular qualquer um que detenha poder, seja ele midiático, político ou econômico, o puxa-saco não passa de um chato, cujo comportamento servil incomoda quem não precisa dele”.

Tipos como o famoso Jaiminho Alça de Caixão, personagem carioca popular por invadir velórios de gente famosa para aparecer na mídia segurando o caixão. Passou apertado uma única vez, quando foi ao velório do Bola Sete, um Rei Momo que pesava mais de 300 kg e Jaiminho não aguentou o peso, saiu de fininho sem ser clicado nas fotos dos jornais e revistas de fofoca. Mas, como dizia, aqui na velha Franca do Imperador, também temos esse tipo de personagem. Um deles, o mais famoso, ia aos velórios para tentar dar um golpe nos parentes do finado, contando uma história esquisita que deu até polícia à época, mas essa fica para outro dia.

A história de hoje é de outra dessas figuras, causídico bastante conhecido no antigo Fórum da cidade, seus discursos “pé-de-cova” já eram esperados por todos que o conheciam ao adentrar um velório. No final do século passado, quando faleceu um dos maiores empresários calçadistas dessa cidade, após as devidas homenagens prestadas na velha Franca do Imperador, o sepultamento foi encaminhado para a vizinha Cristais Paulista. Era onde o industrial havia pedido que fosse enterrado, junto aos familiares. Com as grandes homenagens feitas na Franca mais o tempo de deslocamento entre as duas cidades, embora sejam poucos quilômetros, a cerimônia final atrasou e já era quase noite quando o féretro chegou ao cemitério de Cristais, terra do “Bicho do pé”, movimento cultural, político e social de figuras divertidas e ilustres como Calunga e Vardá.

Quando a funerária se preparava para terminar seus trabalhos, o célebre advogado pediu a palavra, queria fazer as exéquias finais em homenagem ao grande trabalho e à importância do falecido. E começou a discursar, a falar, falar sem parar, a tarde entrou em colapso, a penumbra do entardecer a esconder a silhueta da cidade e das pessoas que se acotovelavam no local, a noite e a escuridão e o breu se aproximando céleres. Desesperado ao ver que o sepultamento iria adentrar a noite sem solução, um amigo do falecido repentinamente agarrou o orador pelas costas e gritou “viva o doutor Fulano”, assustando-o e encerrando abruptamente o discurso, o que fez com que imediatamente dezenas de pessoas pegassem o caixão e o levassem até sua última morada, sem dar tempo a repto, réplica, medida protelatória, direito de resposta ou embargo declaratório por parte do orador.

Mauro Ferreira é arquiteto